Revista Fɑ@ro Nº2

Ontem, hoje e amanhã - sobre os rituais midiáticos

Dra. Malena Segura Contrera †
[Descarga PDF] - [Descargar SWF]

Resumo: A presente reflexão trata da sobrevivência de elementos do ritual primitivo na Comunicação e na Mídia contemporâneas. Se por um lado, o espaço midiático é o novo locus social contemporâneo, e daí compreende-se que conteúdos da cultura tais como as práticas rituais também se tornem presentes no espaço da mídia, por outro lado, a própria esfera midiática se viabiliza e legitima a partir do seu recorrente desses elementos do ritual. Neste sentido, podemos identificar o processo de retroalimentação entre as imaginarios ritual e midiático, reafirmando a estreita relação entre ritual, vinculação social de grupos e comunicação social.
Dessa forma, tentamos compreender o processo de desacralização e desencantamento do mundo operado pela sociedade industrial e a busca de um re-encantamento, ainda que simulado, operado pela sociedade contemporânea pós-industrial também por meio das práticas midiáticas.

Palavras chave: Ritual primitivo- Comunicação e Mídia- desencantamento do mundo- re-encantamento

'E temas de realidade é, sob certos aspectos, sinônimo de religiosidade. Real é aquilo no qual acreditamos.... Com efeito, nossa situação é caracterizada pela sensação do nível e pela procura de um sentido mais elevado. Portanto, pela procura de uma nova religiosidade.' (V. Flusser: 2002: 13)

1. Rituais interpessoais e coletivos: contribuições da Etologia

Partindo de uma concepção de ritual mais abrangente e próxima dos estudos da Etologia, visto referir-se aos rituais primários relativos a constituição dos sistemas vivos, temos que toda a vida humana é ritualizada. Essa ritualização começa já na constituição de códigos primários biológicos que dão origem a campos sensórios partilhados, campos que por sua vez se desdobram nos rituais de convivência e comunicação interpessoal, como atestam os estudos:

O ritual que permite a cada indivíduo ocupar seu lugar biológico, comportamental e emocional no interior do grupo serve também de cimento para o corpo social, que, graças a ele, permanece unido e funciona como um único homem'. Nesse nível de organização do ser vivo, o ritual é uma conduta que tem por efeito estimular a biologia dos indivíduos e sincronizar os grupos (B. Cyrulnik: 1995: 106).

B. Cyrulnik também nos chama a atenção para a ritualização dos microgestos cotidianos entre uma mesma espécie, com a função de criar códigos comuns e gerar sentimentos de pertencimento. Interessa-nos que presenta a espécie e a sua grupos o reconhecimento, favorecendo uma atitude menos tensa frente a uma gestualidade já codificada.

Distúrbios severos que ocorram nessa ritualização, que atribui sentido pré-codificado aos microgestos cotidianos, é que acabam por gerar os quadros patológicos tratados por médicos e psiquiatras, relativos aos quadros maníacos (excesso de ritualização patológica).

No entanto, longe de importar somente aos quadros psicopatológicos, os rituais cotidianos estabelecem também uma relação muito próxima ao conceito de práticas mimética, fundamental para os estudos da Comunicação, conforme proposta por Gunter Gebauer e Christoph Wulf (G. Gebauer/C. Wulf: 2004). Os autores entendem a mimese como algo 'encarnado', da ordem do 'sentido prático' (referindo-se a Pierre Bordieu):

... com a ajuda da mimese é desenvolvido um conhecimento prático intimamente ligado ao corpo e de grande importância para a capacidade de ação social do homem

O que deixa evidente a importância dos processos corporais sensório-motores e de sua relação com os processos socializadores, dos quais se ocupam os estudos da Antropologia sobre rituais.

2. Rituais sociais - contribuições da Antropologia da Complexidade

São muitas as contribuições das Ciências Humanas sobre o tema dos rituais, no entanto, serão as contribuições tratadas pela Antropologia da Complexidade, pela História das Religiões e pela Teoria do Mito aquelas que nos parecerão colaborar mais diretamente com os estudos da Comunicação.

Sabemos que os primeiros sinais de consciência humana deixados pelo homo sapiens foram encontrados em sepulturas paleolíticas (E. Morin: 1988), seguindo os registros arqueológicos das cavernas e demais sepulturas. Essa consciência que o longo desenvolvimento da consciência humana só foi possível porque ao homo sapiens uniu-se o homo demens, termo proposto por Edgar Morin para designar a natureza simbólico-cultural do homem.

A linguagem, o símbolo, os mitos que nascem como estruturas complexas imaginativas, compõem com o ritual, que define o caráter social de todo o processo, o grande diferencial humano. Esse caráter socializador que o ritual comporta já está presente nos rituais primeiros e nos códigos comuns, mas é no ritual que o caráter gregário dá indícios de sua importância central na cultura humana:

A constituição do pensamento simbólico, origem e base de toda a linguagem humana, dá ser ao modo como organiza cognitivo de representação, primeiramente com a ação magica/magística do duplo e depois com a dimensão estética do signo (E. Morin: 1988). Mas além da dimensão cognitiva desse processo, o pensamento simbólico aproxima ainda duas origens dois aspectos básicos: o resultado de um processo de socialização, representado pela raiz 'comum' presente nas palavras comunidade, comunicação, comunhão, que dá ao ser humano a estabilidade e vida continuamente por meio de rituais, constituindo uma memória cultural comum, estabelecendo um imaginário.

Nosso interesse, no entanto, recai sobre a compreensão de como, nas sociedades contemporâneas, os rituais sociais migram para o espaço simbólico da mídia, dando origem aos rituais midiáticos, de como a mídia os codifica e condiciona, dando a esses rituais um novo caráter e dimensão, e ainda o porquê eles exercem um fascínio tão grande nas pessoas.

É na tentativa de aprofundar todas essas questões que nosso texto se aventura.

3. A criação do elemento comum - os vínculos

Sem as práticas rituais, que testemunham sobre o caráter gregário da espécie de modo a reforçar a sociabilidade, os indivíduos não se vincularam nem fortaleceriam seus vínculos, já que estas práticas criam novos vínculos e mantêm a memória dos vínculos já existentes.

Considerando que os vínculos comunitários alimentam-se do universo simbólico e mítico partilhado, bem como das linguagens e de suas codificações, cabe ao ritual ser o ato de alimentar-se, o acontecimento de reflexão partilhada desses alimentos. O ritual confirma, re-atualiza e reforça o caráter social e partilhado dos códigos culturais.

Por isso as práticas rituais são tão importantes nas relações comunicativas, em especial nos momentos de estranhamento e transição, momentos nos quais os vínculos precisam ser criados ou reforçados no grupo estável e seguro.

Temos como exemplo de práticas comunicativas o caso dos carnivais, na esfera das relações públicas, nos quais há tensões geradas pelas relações políticas em ação e pelo desconhecimento e estranhamento da conformação de novas culturas, por isso as práticas rituais comparecem com sua gramática, evitando improvisos e relaxando o nível da tensão, tornando com isso a convivência possível dentro de uma certa previsibilidade, gerando vínculos que duram enquanto dura o ritual, dentro do pacto social estabelecido; vínculos que, ainda que efêmeros, tornam possível o encontro de diferentes.

Também nos momentos de transição (políticas, sociais, psicológicas) as práticas rituais garantem o fortalecimento dos vínculos, o que é muito importante para os indivíduos e para as comunidades que atravessam momentos de crise, momentos que podem levar, por um lado, ao desconhecimento entre os componentes do grupo social, e, por outro lado, a uma tensão extrema frente ao desconhecido do novo estado que se apresenta. Temos então os ritos de passagem, com sua complexa gramática2, que buscam reorganizar o homem frente a descontínuo quase total do momento.

Não escolhemos os dois exemplos acima por acaso, na realidade consideramos que, em nossas sociedades contemporâneas, multiculturais em sua essência, os indivíduos enfrentam, continuamente, de forma mais ou menos sutil que nos carnavais, mais não menos intensamente que nos ritos de passagem, o desconhecimento de outras culturas e diferentes culturas. Essa sensação de estranhamento, os indivíduos estão todo o tempo em permanente transição, frente à velocidade vertiginosa e a transitoriedade dos valores do mundo contemporâneo, numa constante transformação, numa 'metamorfose ambulante'4, um interminável rito de passagem.

4. O fascínio do espaço midiático e de seus rituais

A pós-modernidade vê consagrar-se no Ocidente uma nova ordem que põe fim ao sentimento de se pertencer a uma comunidade de origem, favorecendo apenas as 'comunidades de ocasião... construídas em torno de eventos, ídolos, páginas ou modas', como afirma J. Bauman (2004: 51), comunidades essas marcadas pela meninice de 'ambientes uniformes', formadas por demandas narcísicas.

A esse sentimento de não pertença, a esse não-vínculo do homem com seu grupo, soma-se o não-vínculo do homem com o espaço físico, o espaço da cidade, o espaço da natureza, o espaço da terra, o espaço do planeta, o espaço da Mídia, em sua matéria. O homem se transforma em neo-nômade; os ecossistemas favorecidos são as cidades, e todos os demais na perspectiva por emprego e moradia. Esse é um dos traços do que Bauman chama de "modernidade líquida", na qual "a obstinada permanência da transitoriedade pode ser tornar o habitat comum dos moradores de nosso planeta global e globalizado" (Z. Bauman: 2004: 174).

Como fica então a criação de vínculos se não temos mais sequer uma comunidade constante? para que fazer um enorme esforço para criar vínculos com um grupo, com o grupo ou com alguém se estamos todos de passagem para "amanhã" e posivelmente nem sigamos juntos?

Essas são questões que a contemporaneidade nos coloca sobre a dinâmica dos vínculos sociais, tão fundamentais para os estudos da Comunicação. E são por essas e por outras razões que, com o estado de desconexão deixado pelo enfraquecimento dos vínculos, nunca outra época 'reclamou' tão tão precisa as intelectrálicas e ao renovamento dos sistemas totalitários e nunca os rituais sociais estiveram tão enfraquecidos. A ponto mesmo do apelo de grupos fundamentalistas, sejam eles políticos ou religiosos, ter sido tão sedutor e ter crescido tanto. Mas não é nosso objetivo buscar um caminho fechado e secular as experiências da pertencimícia ao grupo e da permanência, raras nas sociedades atuais.

Mas além do fundamentalismo político e religioso, algo mais prospera: a esfera midiática e seus rituais5.

Também não é a toa que os rituais midiáticos se fortalecem enquanto os rituais sociais se tornafazem, considerando-se a crescente evasão do espaço urbano, que simulaiss o fim do encanto de ir as ruas. O espaço físico das cidades, antes ponto de encontro e ou das cidades superpopulosas, são abandonados em prol dos sedutores redutos virtuais oferecidos pelas novas tecnologias da comunicação. Efetivamente assiste-se já há algum tempo ao desenvolvimento da infraestrutura das cidades urbano pelo espaço público em prol dos paraísos artificiais tecnologicamente criados no espaço privado da sua casa-fortaleza.

Os centros urbanos não favorecem as comunicações interpessoais, na medida em que nos retêm numa atitude superficial assim colocada por Bauman:

(os centros urbanos são) lugares em que estamos fadados a vagar numa 'grande multidão de estranhos diversos em contínua mudança', tendemos a nos tornar superfícies para os outros - pela simples razão de que uma pessoa pode notar no espaço urbano com grande quantidade de estranhos'. O que vemos 'na superfície' é a única medida disponível para avaliar um estranho. (Z. Bauman: 2001: 131-132)

Acostumados que estamos a ficarmos nas superfícies, que é exatamente o que oferecem as imagens da mídia, como afirma Norval Baitello Junior, fazemos das telas da mídia uma extensão de nossa casa, de nossa fortaleza (que já não comunicações e os vínculos) não se aprofundam.

Essa carência de aprofundamento faz parte do fenômeno da 'crise do sentido', já que o sentido é sempre um processo de irrupção do sagrado, como afirma M. Eliade (O sagrado e o profano), idéia essa retomada depois por Vilém Flusser (Da religiosidade).

O 'centro do mundo', que era o centro da cidade, a praça, o marco zero, o espaço de convergência social, resíduo mítico do espaço sagrado das culturas primitivas (cf. M. Eliade), é transportado, por meio de uma operação simbólica social, para a mídia tecnlária e seu não-espaço.

Hoje, ao invés de reunirmo-nos ao redor das fogueiras, dos xamãs, dos totens, dos centros religiosos, procuramos estabelecer conexões com o mundo frente às telas de televisão, de computador, de celular. Nossa atenção converge para o buraco negro das telas da mídia, e em torno delas tramamos novas teias imaginárias de sociabilização.

A mídia é o novo 'centro do mundo', exercendo o poder totêmico em torno do qual a sociedade busca se agregar. Tudo para lá convergir e ela nos deverá com seus mil olhos eletrificados.

Esse processo de transferência, que merece ser melhor situado, é em realidade parte do processo de desacralização do mundo, conforme já apresentamos em estudo anterior7.

Por outro lado, temos de considerar que o ser humano sempre buscou formas de evasão da realidade, seja através dos rituais religiosos ou das práticas de estados alterados da consciência, no que se buscava a ampliação da consciência e formas de transcendência das condições concretas da vida .

Essa busca pela fuga das condições imediatas da vida, por alguma coisa além do aqui e agora, vai motivar a busca por formas alternativas de se viver a realidade, de se relacionar com o tempo e com o espaço, as próprias formas de mediação se apresentam como caminhos que levam a esse estado alterado da consciência, num desejo de que as menos se transformem em artigoã e nos arrebatem das limitações concretas da realidade. E para que a experiência da evasão se efetive, ocorrer limitação espaço-temporal, como um corpo, por exemplo, é sentido como indesejável.

A procura pela experiência dos estados alterados da consciência foi historicamente perdendo seu caráter religioso e ingrando para a vida cotidiana, como resultado de um processo de desacralização do mundo e de valorização da cotidianidade, num movimento que vai do século XVIII até o século XX, quando a sociedade industrial se consolida e a cotidianidade se torna o lugar da banalidade dos objetos industriais8. Foi assim que, por exemplo, o indivíduo buscou a evasão das prisões do seu meio social cujas constantemente o impede a civilizar todos os seus instintos primitivos, por meio das drogas e do movimento psicodélico da década de 70, quando jovens se reuniam para, juntos, consumirem as drogas psicodélicas, tentando ampliar os limites do contexto industrial e desencantado do mundo, algo que se parecesse com as viagens xamânicas.

Essa evasão da realidade, hoje, pode a popularização da tecnologia da comunicação da década de 90, em propagandas pelo estilo de vida, que vendem a idéia de uma evasão, o grupo de pessoas, especialmente os adolescentes, reúnem-se para buscar por outros que não estão presentes por meio de infinitas e intermináveis ligações em seus telefones celulares, ou ainda fotografando-se mutuamente, enquanto todos fazem poses10 e praticamente ignoram quem está ao lado.
No entanto, a angústia aumenta na medida em que essas tentativas não são suficientes nem de longe a suprir os dois rituais religiosos, deixando sempre um gosto amargo de fracasso e gerando com isso um déficit emocional e psicológico que nunca se resolve, rato dos mecanismos de vicração e compulsão, tão bem vindos à sociedade industrial e a sua produtividade. Essa busca pela alcançar a eficácia dos rituais religiosos evidenciam porque quebram com o princípio básico do ritual: a fuga mítica, a experiência de tempo e espaço mítico, que nos faz sair da realidade concreta e cotidiana da natureza ou tribal11 e ao entrar nesse tempo e nesse espaço, tem início a participação física e trata a sua musicalidade.

Ao perder-se o caráter gregário e vinculador do ritual, perde-se a possibilidade de transcendência que ele abriga, e em seu lugar entram os espetáculos e os rituais de consumo e auto-consumo da vida cotidiana12, dentre os quais os da mídia.
No entanto, a área humana por formas de evasão e a necessidade de agregação e vinculação social são motivações suficientemente fortes e inconcientes para que se recorra à mídia em busca de alguns elementos descodificados do ritual que ela apresenta, descontextualizados, mas suficientemente reconhecíveis para continuarem a exercer seu fascínio.

5. Mídia e ritual

Para melhor compreendermos quais são esses traços rituais com os quais a mídia opera, propomo-nos a apresentar alguns dos elementos comuns apresentados pelos rituais. Não é nossa pretensão propor uma análise estrutural, nem classificação de nenhuma espécie, mas sim resaltar que o ritual apresenta claramente, desde as culturas primitivas até hoje, alguns traços comuns, além de já referida relação com os processos de vinculação e sociabilidade.

1.1.- Previsibilidade e apaziguamento

Os rituais apaziguam a ansiedade humana, frutos da desordem do caráter demens e da tensão gerada pela dissociação básica da psique13 (realidade objetiva e realidade subjetiva), e o fazem porque criam previsibilidade, confirmando o já esperado, e com isso conferindo uma espécie de sensação de controle simbólico do homem sobre o mundo. Essa sensação de controle sensação aumentada de poder quando algo que se previu realmente acontece, e que resulta em enorme prazer para o ego.

Essa previsibilidade também se dá por meio de ritmos pontuadores, presentes sempre nos rituais primitivos por meio da música, dos cantos, das danças. Essa marcação rítmica funciona como uma forma de controle do tempo, e ocorre também por meio da repetição de elementos centrais do ritual (o que fica evidente no caso dos cerimoniais) que são sempre reconhecidos pelo indivíduo e pelo grupo.

É preciso lembrar também que a repetição ainda hoje carrega a memória de seu significado primitivo: repetir é também remeter-se à criação mítica e perdida do mundo, conforme nos apresenta Mircea Eliade sobre o poder do verbo sobre o mito do eterno retorno.

A mídia se apropria desse traço de sacralidade do mito presente na repetição por meio do estabelecimento das agendas, dos calendários, das periodicidades nas publicações, da grade horária previsível das programações televisivas. E essas práticas estabelecem rítmos que pautam a vida social contemporânea, possibilitando a sincronização da psique14, especialmente no que tange à esfera da informação pública, o que nos remete diretamente às práticas jornalísticas, mas também à programação midiática que se dedica ao lazer e ao entretenimento.

1.2. Ação organizadora

O ritual tem por objetivo estabelecer um padrão de organização, estabelecendo hierarquias entre os elementos que o compõem, e, no caso dos grupos, valores consensuais. Esse padrão funciona como elemento organizador tanto para o indivíduo (fator psicológico), quanto para o grupo.

Por conta disso o ritual possui uma forte gramaticalidade, reforçando tanto as aspectos de coerência como de coesão entre os elementos que o compõem. Criam com isso sequências temporais (presença de narratividade), hierarquias, regras, interditos e obrigações.

Essa organização é ainda apresentada pela clara delimitação espaço-temporal que ele apresenta, literal ou simbólica. Quando o traço temporal é reforçado há o estabelecimento de rítmos, como já falado anteriormente, e quando o traço espacial é que está em jogo, temos a criação de espaços valorados de maneira distinta, considerados especiais, sacralizados pela mídia. Esse é o caso da sensão de cinema, mas também das programações especiais da televisão, dos canais pagos do tv a cabo, dos cadernos especiais dos jornais. Sabemos que eles apresentam algo 'diferente', preparamo-nos para adentrar nos espaços sagrados da mídia.

Podemos também identificar esse traço tanto nas diagramações e composições da mídia impressa, quanto na narratividade das televenvelas, dos filmes, dos textos jornalísticos, de modo que, ao acompanhar uma notícia ou uma cena de telenovela, organizamo-nos por meio dos padrões de organização relas presentes.

1.3. Papel legitimador

O ritual é originalmente re-memoração dos contedúos rítuos fundantes de uma cultura, e por isso seu contexto é simbolicamente significativo. Disso advém que o ritual seja legitimo e que legitime o contexto que por meio dele se apresenta, preservando a memória de contesúos e valores fundamentais para o grupo (cf. M. Eliade). Disto podemos aprender que os contesúos apresentados por meio do ritual são significativos para a grupo social. Apesar de que muitas vezes isso não se demonstre verdadeiro para as sociedades contemporâneas, em verdadeiro para a sociedade primitiva que tinham nele o acontecimento que rememorava e atualizava seus mitos. Esse processo explica a sua eficácia ainda hoje nos processos de legitimação de valores sociais e demais contesúos simbólicos que se apresentam, já que não importa o que ele apresenta exatamente. É mesmo que racionalmente se saiba que não é prudente levar os contesúos da mídia tão sério, a ritualização acaba por impingir a crença contesúos uma aura mágica de credibilidade.

Atualmente, a mídia opera com esse processo de legitimação social tanto por meio da adesão da audiência à sua programação, o que confere uma indicação do grupo sobre o contesúo da programação, quanto pela sua simples participação que dá a festas de premiações tipo Oscar, a ritos de passagem para um novo status, tópicos dos novos programas do gênero reality show, ou ainda